

A teorização do Brasil e a opção heróica em Quarup

Mark A. Lokensgard*

Já foi observado pela crítica Cristina Ferreira-Pinto que o protagonista de *Quarup* (1967) de Antônio Callado segue uma trajetória correspondente àquela do herói arquetípico. O importante para nós, porém, é que o ex-padre Nando faz sua “viagem” na história recente, e que essa viagem exemplifica um possível desenvolvimento para o intelectual brasileiro de pós-1964.

Quarup conta a história de Nando, que é padre no início do romance mas acaba deixando a batina e seguindo a resistência armada ao governo militar instalado em 1964. O leitor segue o desenvolvimento do protagonista em vários níveis: espiritual, pessoal, e político. Parte integral deste desenvolvimento são os encontros com personagens que encarnam maneiras diferentes de pensar o Brasil, através dos quais Nando começa a definir-se, servindo assim de exemplo de autodefinição para a intelectualidade brasileira.

Embora não seja um “intelectual” como geralmente imaginamos, por exemplo, um professor ou jornalista, Nando tem um conhecimento de história e uma competência com a linguagem que o qualificam como parte da classe que tem habilidade e tempo para pensar o Brasil, e participar na formulação de soluções para seus problemas. Durante sua viagem, Nando encontra outras pessoas desta mesma classe, e os diálogos com elas (que constituem uma grande parte da ação do livro) levam Nando a modificar gradualmente suas idéias. Além disso, o leitor tem diante de si várias teorias sobre o Brasil e idéias sobre o futuro do país para sua própria consideração.

* Brown University/USA.

É importante notar que os personagens, inclusive Nando, formulam estas teorias sob a influência das suas próprias projeções psicológicas. O elemento catalisador é o próprio Parque do Xingu. Como leitores, começamos a distinguir como os personagens projetam seus medos, fantasias e esperanças, nos índios. Depois de acompanhar este processo torna-se mais claro como as idéias que os personagens constroem sobre o Brasil são resultado de um processo parecido.

Começamos com o ponto de vista de Nando no início do romance. Sua obsessão é a República dos Guaranis, fundada pelos jesuítas, “[u]ma República cristã e comunista que durou século e meio” (19). Nando imagina uma recriação desta experiência, que providenciaria tudo de que o homem brasileiro precisasse, material ou espiritualmente. Por isso ele indica que uma viagem ao interior do país, onde vivem os índios, seria mais importante que uma viagem ao Rio ou São Paulo, quando o inglês Leslie pede recomendações para como conhecer melhor o Brasil (19). Nando pensa que os índios vivem “mais em contato com Deus do que com a História,” (19) o que possibilitaria a recriação da República sagrada sonhada pelo padre.

Nessas teorias, os índios são objeto de projeção psicológica, às vezes contraditória. Por um lado, Nando projeta neles uma pureza e inocência. Por outro, os índios se tornam objeto de ansiedade e medo para Nando, que teme perder o seu autocontrole diante das índias nuas e pecar com elas (79). A qualidade de projeção é ainda mais óbvia pelo fato de Nando pensar tudo isso sem ter nenhum conhecimento pessoal dos índios.

Nem todos os personagens que participam das tentativas de teorizar o Brasil são brasileiros. Os ingleses Leslie e Winifred criticam Levindo por conceber uma revolução da qual as mulheres não fazem parte (50-51), uma crítica à esquerda reconhecida hoje em dia. Mas isso não dissipa a projeção de que eles próprios são culpados, especialmente Leslie no seu estudo de lavradores com olhos claros. O pesquisador inglês espera achar entre estes lavradores uma qualidade atávica dos holandeses para a rebeldia (75).

Enquanto o casal inglês quer dar uma lição feminista através do argumento, a verdadeira aprendizagem de Nando sobre a natureza da mulher não se fará com palavras. É aparente o machismo de Nando, que se limita a dar de ombros durante a discussão entre Levindo e o casal inglês sobre o papel da mulher, enquanto secretamente concorda com Levindo. Winifred põe Nando no caminho para reconhecer a mulher como ela realmente é, através da iniciação sexual (86-87). O encontro com Winifred permite a humanização da mulher na mente de Nando, na medida em que ele começa

a ver a mulher não mais como ou tentadora ou santa, mas como ser humano. É claro que Nando continua idealizando as mulheres, em especial Francisca, mas Winifred lhe abre a porta a novas considerações sobre a mulher, e por extensão, às pessoas e ao mundo material. Nando, no caminho para o Mosteiro depois do encontro com a inglesa, cai de cansaço na praia e entra num estado de êxtase, começando a ver a força vital dos animais, do mar, e do vento. A visão de Nando serve de contraste com a tradicional visão dos santos, concentrada no paraíso-por-venir e caracterizando o mundo material como uma ilusão tentadora, cujo rei é o diabo. O padre vê a imagem de Winifred na cama, e depois, as maravilhas da natureza viva:

“Recomeçava a lição de coisas inefáveis. Nando abriu os olhos e ia se levantar para fugir quando ouviu a porcelana do mundo se esfarelando e chiando nos ares feito areia que escorre de um ampulheta quebrada. Desapareceu o céu de sempre. As estrelas fuzilaram nos confins sem fundo. Um feio mar encrespado ao contrário pelo vento cuspiu sal nos coqueiros que chupavam água pelas raízes para esporrar leite nos cocos. O mar ferveu de peixe, a areia borbulhou de tatuí.” (89).

Nando só consegue começar o projeto definidor na sua vida, a missão entre os índios do Xingu, quando sente a força vital para amar despertada pela mulher. Só isso libera Nando, o faz deixar de falar e partir para a ação:

“Nando parecia à beira de começar um relato. Mas disse apenas, empertigando-se, retesando *músculos que pela primeira vez lhe doam de amor.*

– Venho dizer a Vossa Reverendíssima que estou pronto a partir para o Xingu.” (90, grifo nosso)

Começando a agir, Nando parte primeiro para o Rio, onde se apresenta ao Serviço de Proteção ao Índio. É no Rio que Nando vai entrar em contato com outras idéias sobre os índios, e também sobre a direção que o país deve tomar. Ramiro, farmacomaníaco e francófilo, é talvez a pessoa cujas obsessões pessoais mais colorem suas idéias sobre o país de uma forma exagerada. Ramiro se refere à citação de Miguel Pereira, “o Brasil é um grande hospital,” mas transforma a frase crítica numa expressão de saudosismo:

“Nas profundas de quem diz que o Brasil-é-um-grande-hospital o que vibra mesmo é o sentido nostálgico, quietista, e a apresentação da imagem incomparável: cinquenta milhões de homens, mulheres e crianças entre lençóis, olhando para o teto, em cinquenta milhões de leitos de ferro branco.” (128)

Para Ramiro, o único caminho para a sensibilização do homem é a doença, e não só isso: "Acredito - e quem se aprofundar suficientemente em si mesmo há de me dar razão - que o homem é uma doença" (126, grifo nosso). O caminho certo, portanto, é o tratamento: Ramiro conta vários episódios sobre pessoas que vão em busca do remédio por si só, não por necessidade (129-130).

Essa mania dos remédios liga-se ao amor de tudo que seja francês. Ramiro fala da tese central do livro que escreve, segundo a qual o Brasil errou quando deixou de seguir o exemplo da França para seguir o dos Estados Unidos, e depois produz um longa lista de remédios com os endereços de origem em Paris (132-133). Portanto, quando Ramiro vai ao Parque do Xingu, sua idéia de civilizar os índios consiste em transferir para lá o culto da medicina. Ele se aborrece com a aparência amadora do setor de socorro médico, e diz: "Os índios deviam entrar aqui como se entrassem numa igreja. Com unção e respeito. Pelo que podemos fazer por eles no plano da doença eles poderiam nos adorar" (194). Esta adoração continuaria, em teoria, na rede de farmácias que ele quer estabelecer no Parque (195-196).

Ramiro serve igualmente de contraste a Nando com respeito às suas atitudes perante as mulheres. Por extensão, suas atitudes representam a relação de cada um com seus ideais. Ramiro é obcecado por Sônia, e a procura durante toda a expedição, sempre acreditando que ela estaria entre qualquer grupo de índios encontrados no caminho. Quando ela não é encontrada, Ramiro tem a idéia de cheirar éter, porque acha que a resposta está dentro dele mesmo (364). Finalmente, ele imagina que Sônia fugiu para Paris, e vai à França a sua procura (513). Sônia é sempre fugidia, inalcançável, mas Ramiro não perde a esperança de encontrá-la em algum lugar físico. A atitude dele servirá de contraste com a de Nando a respeito de Francisca; o ex-padre finalmente reconhece que "Francisca é apenas o centro de Francisca" (600), e resolve ficar no Brasil, em vez de ir-se encontrar com ela na Europa. Assim, estabelece-se um contraste entre Nando e Ramiro na relação que os dois têm com a âniã jungiana, a figura idealizada feminina (Franz, 191): Nando amadurece, reconhecendo que seu amor por Francisca é uma força vital dentro dele mesmo, enquanto Ramiro continua infantil, projetando a existência dessa força para fora, e indo à caça de um fantasma.

Fontoura serve também de contraste com Nando, apesar dos dois terem idéias parecidas sobre os índios. Os dois vêem inocência e pureza no índio, mas em vez de desejar um novo começo para o Brasil, como pretende Nando, Fontoura quer simplesmente

proteger os indígenas. O "Estado dos Índios" será, na imaginação de Fontoura, cercado de arame farpado e eletrificado, e o objetivo não será educar seus habitantes, mas simplesmente mantê-los vivos, como "fizeram os ingleses para girafas e zebras em Quênia e Tanganica" (160-161). Quando Nando protesta que os índios têm alma imortal como todos, Fontoura responde: "Os índios não sei se têm. Ou se ainda têm. Nós eu sei que não temos. No mundo inteiro as reservas indígenas são simples arapucas para extermínio de índios" (161).

Fontoura é uma espécie de Nando pessimista, quase niilista. Sua visão do Parque do Xingu não é utópica, como a de Nando, mas quase apocalíptica. Esta tendência apocalíptica se mostra mais ainda quando fica deprimido e bêbado depois das mortes de índios, causadas por doenças exógenas. Olavo descreve a proposta recorrente de Fontoura:

"Aterrissar no Rio com vinte aviões de transporte carregados de índios nus e passeá-los pela Avenida Rio Branco, pelas praias. Armá-los de arcos, de sarabatanas, bordunas, trucidar o maior número possível de funcionários públicos, que Fontoura odeia, apesar de ser funcionário ele próprio. Criar um caso, uma guerrilha. Obrigar o Brasil a matar índio na Capital e com bala, em lugar de dizimá-lo às escondidas, pela fome." (165)

Fontoura encarna vários aspectos contraditórios da atitude de "homem civilizado" entre os "selvagens." Ele assume uma atitude paternalista quanto aos índios, e quer protegê-los da cultura "civilizada". Nando tem uma idéia igualmente paternalista com seu medo de pecar com as índias; a diferença é que Nando põe a possibilidade de culpa em si, e Fontoura culpa a sociedade em geral. Eventualmente, as diferenças entre os dois homens distinguirão o indigenista, que sonha em ser um mártir e em trazer índios armados ao Rio, do ex-padre, que consegue separar fanatismo de dedicação responsável: "A gente pode morrer por uma causa, pensou Nando. É quase fácil. Dedicar-lhe a vida é outra coisa" (527). Nando escolhe a vida na luta, enquanto Fontoura escolhe a morte nela. É Fontoura que morre no Centro Geográfico do Brasil, coberto de formigas, tentando escutar a batida do coração do país (377-378). Fontoura é tão idealista que a vida não vale nada para ele se não pode atingir seus ideais, e portanto, representa um desespero e absolutismo que Nando terá que evitar.

Mais um personagem teorizador do Brasil, e talvez o mais cômico, é Lauro, que acredita que as lendas indígenas do país não têm sido levadas a sério, e que os brasileiros as tratam apenas

como folclore e não como a fonte de sabedoria que são. Ele reclama que os brasileiros tendem a “transformar em heróis os Macunaíma e Poronominari e de esquecer os verdadeiros heróis, os que nos ensinam, ainda que com a astúcia dos mais fracos, a nos superarmos e derrotarmos os fortes” (293). Lauro conta uma história indígena, em que o jabuti mata a anta espremendo seu escroto até morrer. Tentando solicitar apoio de Nando na sua tese que os brasileiros devem aprender das lendas, o folclorista pergunta: “Você não acha que basta copiar a fábula?” Nando responde: “Bem, exatamente não sei. Espremer os culhões dos americanos até eles irem embora?” (294) Mais tarde, quando Lauro diz que o que é importante numa luta não é a arma, mas o espírito, ele conta outra história em que o jabuti prende a língua da raposa dentro do ânus, para ganhar de volta uma flauta roubada. Nando comenta: “Moral da fábula: um bom esfínter vale às vezes um arsenal inteiro” (307).¹ Apesar de Nando claramente rejeitar a aplicabilidade das fábulas indígenas, algumas das teorias de Lauro, embora não sejam completamente aceitas por Nando, de certa forma o atraem. Lauro diz que é necessário haver um Brasil realmente brasileiro, com mulatas nos selos, monumentos públicos, e na moeda (305). Ele idealiza as raças mestiças, emprestando a tese do mexicano José Vasconcelos da raça cósmica, que seria a raça marrom. Nando parece ser algo receptivo a essa idéia, porque diz que a mulata é uma criação do homem, não da natureza (306). Mas Lauro vai longe demais para Nando, ao sugerir que os latino-americanos têm a responsabilidade de seduzir e engravidar as mulheres louras, para acelerar a chegada da raça cósmica. Nando reage contra essa idéia: “Fornicação geral, pensou Nando, um cantarídeo nato e que provavelmente não pensa em outra coisa” (306).

Como se isso já não fosse muito, Lauro diz que pretende agitar a opinião pública, e criar um movimento para limpar o país de estrangeiros, começando com o território em volta do Centro Geográfico: “Iremos do Centro para a periferia – disse Lauro. – Limpando o país de gringos em círculos concêntricos” (307).

Todas as idéias de Lauro giram em volta de uma essencialização do conceito de raça, invertendo de certa forma as idéias de positivistas como Euclides da Cunha, que pensava que as “subraças” do Brasil eram mais fracas por natureza. Lauro põe o mulato não só como o futuro do Brasil e do mundo, mas como o herdeiro do Cosmos. O brasileiro mulato, armado com a sabedoria dos indígenas, chegaria a seu destino de líder mundial.

¹ Imaginamos que aqui, a coincidência entre “arsenal” e a palavra inglês “arse,” não seja por acaso, dado o alto conhecimento de inglês britânico do autor.

Até este ponto na narrativa, há um panorama de teorias representadas através dos personagens. Nando está no meio, e é o único personagem que realmente dialoga com os outros personagens, considerando as diferentes teorias. O cenário desse diálogo é a expedição, e Nando é quem liga as pessoas umas às outras, na sua tentativa de fazer sentido do Brasil através do diálogo engajado. Porém, seus esforços não terão resultado imediato, isto é, durante a expedição, pois os vários membros dela continuam obcecados com seus projetos/projeções: Ramiro quer encontrar Sônia; Fontoura jura matar qualquer pessoa na expedição que levante a mão contra índio, mesmo para defender-se; Lauro quer estabelecer seu movimento de purificação nacional. Afinal, esquece-se o símbolo de unificação, que seria a bandeira brasileira, e o que se planta no Centro Geográfico é, ironicamente, o vestido de Sônia (380).

As últimas teorias do Brasil que Nando encontra no romance são encarnadas no Coronel Ibiratinga. O coronel possui uma lógica para suas ações, e tenta justificar-se com teorias oriundas da teologia e da história da cristandade. A apresentação destas teorias no livro difere das anteriores. O contexto em que as teorias do coronel serão expostas cria dois efeitos para o leitor, que a esta altura já teve contato com os elementos absurdos de muitas das teorias expostas anteriormente. Primeiro, o leitor desconfia, ou deve desconfiar, de teorias abrangentes deste tipo; quando o coronel começa a falar da sua tese, que pretende publicar num livro, Nando pensa: “Será o jabuti?” (452) Segundo, a autojustificação do coronel faz com que o leitor não possa descartar todas estas teorias como sendo sem força, ou vê-las como simples fonte de humor. O coronel mostra que as teorias são sempre importantes, pois podem levar seus adeptos até a cometer horrores.

As teorias do coronel combinam uma moralidade católica medieval com idéias positivistas sobre o progresso. Para o coronel, o problema do Brasil é que nunca levou a fundo nenhum inquérito de sua “alma doente” (451). Dá como exemplo as visitas do Santo Ofício ao Brasil, em que nenhum herege foi queimado, e só alguns foram enviados a Lisboa para lá serem sacrificados. No início do romance é Ibiratinga que tenta, sem sucesso, convencer D. Anselmo a usar o confessional para identificar comunistas. Agora o coronel assume o papel de juiz absoluto, anteriormente exercido pela Igreja:

“Assumo e abraço os deveres inquisitoriais. Nós somos ungidos e sagrados agora. [...] A Igreja acabou em 1961. O que existe no mundo de santo e de grave passou do Vaticano para nós, para o Exército.” (472)

Combinada com esta idéia da sacralização do Exército é uma atitude sobre progresso que nega toda a história anterior. A solução radical do coronel tornará irrelevante toda a história do Brasil: "O Brasil começa conosco. Começa agora" (472).

Os ecos do Santo Ofício no projeto de Ibiratinga chegam a níveis absurdos, e revelam muito da atitude dos militares. O coronel quer que Nando confesse que ele é o diabo (464). Nando ocupa uma posição sem opções. Se ele "confessar" ser o diabo, cai no jogo do coronel, e se não, parece simplesmente fazer o papel do diabo, ao mentir. Aqui, o beco sem saída de Nando é representativo da situação de todos os acusados, que serão torturados até confessarem sua participação em conspirações que muitas vezes existem só na imaginação dos torturadores.

Reveladora também da mentalidade dos militares é como uma aparente falta de direção na vida de Nando já o faz ficar sob suspeita. O Tenente Vidigal, no inquérito de Nando, pergunta várias vezes a profissão dele; Nando responde com sua história de emprego. O tenente insiste em saber sua profissão, e Nando responde que não tem. O tenente informa:

"O senhor diz isso sem se envergonhar porque sabe que não é verdade. Sua profissão é a de agitador. O coronel concluiu que o senhor se preparou a vida inteira para golpear as instituições. Porque à primeira vista sua vida não tem uma diretriz, uma linha reta." (454)

Nada é mais claro de que o desenvolvimento pessoal de Nando não segue uma linha reta e tradicional de carreira, profissão, e idéias tradicionais de progresso. Na mentalidade militar, uma vida sem um rumo claríssimo já é uma ameaça.

O que se pode concluir, então, sobre a viagem de Nando por todas estas teorias do Brasil? Qual é o resultado de todo o contato que Nando tem com estas teorias?

Primeiro, é claro que Nando não desenvolve uma teoria própria para competir com as outras. Em vez de formular uma teoria nova, Nando tenta absorver o que aprendeu e vivenciou para criar um sentido para a sua própria existência. O período que ele passa vivendo na praia, envolvido apenas com sua vida particular e as pessoas imediatamente em volta dele, ensinando o amor, indica uma necessidade de se humanizar. Sugere uma volta à iluminação dele na praia, depois do encontro com Winifred, e representa a transmissão da "lição das coisas inefáveis". Depois, quando passa para a resistência armada, ele o faz não com um espírito de vingança ou fanatismo, mas com a confiança que está fazendo uma

escolha pessoal, achando o caminho certo para sua vida. A existência que Nando escolhe é mais digna que a dos personagens que simplesmente têm teorias às quais eles querem fazer o mundo conformar-se. A vida de Nando, com suas mudanças de direção, é que faz dele um verdadeiro herói, falando mais alto do que qualquer teoria.

Obras citadas

- CALLADO, Antônio. *Quarup*. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
FERREIRA PINTO, Cristina. *A viagem do herói no romance de Antônio Callado*. Brasília: Thesaurus, 1985.
FRANZ, M.-L. von. The process of individuation. *Man and his symbols*. Ed. Carl G Jung... 17th printing. New York: Dell, 1978. p. 157-254.

Obras consultadas

- DA COSTA, Édison José. *Quarup: tronco e narrativa*. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.
Três Antônio e um Jobim: histórias de uma geração/O encontro de Antônio Callado, Antônio Cândido, Antônio Houaiss, Antônio Carlos Jobim. Entrevistas Zuenir Ventura, organização Marília Martins, Paulo Roberto Abrantes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.